

ENSINO DE GEOGRAFIA X USO DE MAPAS: EM BUSCA DE UMA RECONCILIAÇÃO

Ângela Massumi Katuta¹

O presente trabalho procurou verificar, o uso do mapa como meio de localização, por alunos de primeiro grau de quinta e oitava séries. Para tanto, verificamos, em diferentes níveis, como os alunos das referidas séries, usam mapas das mais diversas escalas (desde mapas da cidade como planisférios), para localizarem inúmeros pontos utilizando-se de noções e habilidades de orientação e localização. Por conta da pesquisa ter caráter qualitativo, aplicamos questionários e entrevistas com 20 alunos, sendo que dez deles estavam na 5ª série do primeiro grau e 10 estavam na 8ª série. Fizemos de início uma ficha de identificação do aluno com questões sobre seus deslocamentos, uso de mapas fora da sala de aula e algumas situações cuja resposta envolvia o uso do mapa, logo a seguir aplicamos um questionário sobre dados sócio-econômicos e culturais para nos inteirarmos melhor da realidade da clientela que estávamos entrevistando, logo após, em várias seções, aplicamos um questionário que envolviam o uso de noções e habilidades necessárias para orientação e localização.

As provas ou questionários aplicados envolviam um conjunto de questões que classificamos da seguinte maneira:

- Provas que envolvem o uso de noções espaciais básicas para orientação (uso de relações espaciais topológicas, uso de coordenadas x, y em diferentes situações, uso de relações espaciais projetivas);

- Provas que envolvem o uso de pontos cardeais em representações pictóricas muito próximas do real (utilização dos pontos cardeais a partir de diferentes perspectivas, utilização de pontos cardeais de acordo com diferentes deslocamentos do sujeito, utilização de esquemas de orientação a partir de uma foto aérea);

- Provas que envolvem o uso de pontos cardeais em mapas (uso de esquemas de orientação e localização num mapa de Presidente Prudente (SP - Brasil), do Estado de São Paulo (Brasil), do Brasil e num planisfério);

- Provas que envolvem a utilização de redes geográficas (conceitos dos alunos de latitude, longitude, paralelos e meridianos e seu uso).

Além de aplicarmos os questionários junto aos alunos entrevistamos os professores que trabalhavam com as classes junto às quais aplicamos os questionários, é importante salientar que, como havia uma professora de história que também utilizava mapas em sala de aula, acabamos incluindo a mesma no nosso rol de entrevistados.

É importante ressaltar que, embora entendemos que o mapa pode e deve ser utilizado para outros fins na escola, elegemos esse o único papel a ser estudado na mesma porque esse é o tipo de uso que mais se faz desse material. Professores de diferentes níveis, em diferentes séries utilizam o mapa como meio de localizar pontos, cidades, países, rios, elevações, mares, oceanos, etc, poucos docentes têm a preocupação em fazer um uso mais elaborado do mapa (análises geográficas a partir de mapas de várias escalas), isso por vários motivos que vão desde a falta de preparo para o trabalho com esse material, até a falta ou ausência do próprio nas escolas. Essa

¹Professora das Faculdades Integradas Riopretense (São José do Rio Preto - SP - Brasil), e mestranda da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Campus de Presidente Prudente - SP - Brasil.

questão também é verificada quando os alunos respondem para que serve o mapa, a totalidade deles responde que é para localizar cidades, países, etc, isso porque a função que os alunos atribuem à esse material tem relação com o uso que o professor faz do mesmo.

Como nos propusemos a investigar o que ocorre com o mapa no ensino de primeiro grau, e verificamos que o principal uso é a localização, quando esta ocorre, resolvemos avaliar esse material a partir desse ponto de vista. Isso se justifica, na medida em que, é resgatando as inúmeras experiências do professor em sala de aula, ou é resgatando o saber fazer pedagógico desse sujeito que podemos, a partir do mesmo propor um redimensionamento do trabalho docente utilizando-se de mapas.

O que pudemos verificar, em linhas gerais é que apesar do docente entender que o uso do mapa é importante, isso não se traduz na sua prática pedagógica, ou seja, o docente acaba utilizando o mapa somente enquanto meio de localização de fenômenos, quando utiliza. As noções, conceitos e habilidades de localização e orientação são exercitadas durante somente um período na quinta série para, posteriormente, serem relegadas para a vala do esquecimento, ou seja, esses conhecimentos não são retomados muito menos aprofundados. Isso, ao nosso ver, decorre de um conjunto de fatores que acabam materializando-se no tipo de uso de mapas que se legitima. Um dos fatores que poderiam explicar a falta de intimidade do discente no uso do mapa, enquanto meio de localização e orientação, é que a nossa vida cotidiana ou nossos deslocamentos cotidianos acabam por não forjar a necessidade de saber orientar-se pois, nos deslocamos com a utilização de pistas (por exemplo: o muro, a escola, a delegacia, o prédio cinza, etc), além disso, nossos deslocamentos são feitos através de meios de transportes que têm itinerários pré-definidos. O que pode-se observar é que, o mapa enquanto meio de localização, é pouco utilizado pois nossa forma de viver nessa sociedade não nos coloca a necessidade desse tipo de utilização, tampouco a necessidade de orientação.

A questão da observação também fica relegada a um segundo plano pois poucos professores valorizam essa atividade, as aulas de geografia tornam-se então algo repleto de denúncias políticas, que aparentemente não se materializam num determinado território.

Outro fato que nos chamou a atenção na pesquisa realizada, é que apesar da familiaridade com o espaço da cidade de Presidente Prudente (local onde foi realizada a pesquisa), ao responderem a questões referentes à orientação e localização de pontos na cidade, os alunos utilizavam-se para se orientar e localizar no mapa alguns pontos de referência, por exemplo, ficavam procurando algum lugar conhecido (rua, instituição, etc) para, a partir daí, estabelecerem relações com outros espaços na cidade. É preciso ressaltar que os alunos não conseguiram, na sua maior parte, colocar os pontos cardeais no mapa, de forma que os mesmos estivessem corretos, notamos que sempre houve a predominância do esquema aprendido de forma rígida na escola (o norte tem sempre que ficar acima). Como o mapa de Presidente Prudente apresenta o norte indicado à direita, os alunos apesar de observarem a indicação, na sua maior parte a ignoravam por acreditarem que a posição correta dos pontos cardeais é aquela que traz o norte acima, o sul abaixo à direita o leste e à esquerda oeste.

Em relação à utilização de pontos cardeais, observamos também, que por conta dos mesmos serem aprendidos de forma estática, como citamos acima, os alunos não utilizam um esquema móvel de orientação e localização, pelo contrário os esquemas são fixos, prejudicando a capacidade dos alunos de orientarem-se e localizarem-se a partir

de referenciais geográficos. Um outro fato percebido, é que os alunos tem dificuldades de estabelecimento de relações espaciais em diferentes escalas, existe de fato uma dificuldade de conceber o espaço dessa forma, ou seja, não existe clareza de que dependendo do fenômeno que se quer analisar é preciso mapas de diferentes escalas, caso contrário o fenômeno pode deixar de ser visto.

Apesar de termos feito a afirmação acima, isso não quer dizer que o mapa é utilizado para fazer leituras geográficas da realidade, pelo contrário, o mesmo não é usado nesse caso, como se os fenômenos geográficos que servem de conteúdos para o entendimento da realidade pairassem no ar, como se as territorializações produzida pelo homem na sua relação com outros homens e com a natureza não pudessem ser entendidas. Essa atitude tem sido respaldada por muitos pseudo-discursos que se dizem críticos mas que, na verdade, servem para marginalizar ainda mais os alunos da escola pública, dado que esses discursos são excessivamente panfletários, pouco auxiliando assim o aluno no entendimento das múltiplas territorializações produzidas pelo homem.

A pesquisa verificou também que os referenciais espaciais, como não são trabalhados de forma móvel, acabam por tornar-se fixos, levando o aluno a ter noções de orientação e localização também fixos, desde os espaços mais restritos (bairro, cidade etc) aos mais amplos (Estado, País, Continente, Planeta), além disso, a simplificação da linguagem e do esquema de pensamento realizada de maneira irrefletida pelo professor pode trazer graves consequências ao processo de ensino aprendizagem. Isso pode ser demonstrado pela fala de um aluno da oitava série ao perguntarmos, em várias situações onde o sol sofria a cada vez uma rotação de 90°: *“O norte sei que vai, (ficar no mesmo lugar)² porque no norte tem um imã gigante e ele não vai sair do lugar, então o norte vai ficar sempre ali.”* Verifica-se que o aluno, apesar de já estar na oitava série do primeiro grau, faz uso de conhecimentos equivocados para resolver as questões.

Outro ponto a ser destacado é o fato de todos os alunos em geral não saberem ou não conseguirem verbalizar os conceitos de latitude, longitude, paralelo e meridiano. Ao perguntarmos para que serviam os alunos não sabiam, ou, se o sabiam era de forma muito vaga, pois mesmo os alunos que falaram que latitude e longitude serviam para localização, ao pedirmos que localizassem determinados pontos através de latitudes e longitudes dadas, os mesmos não conseguiam fazê-lo.

Pelo exposto, ao nosso ver, o mapa enquanto meio de localização não apresenta muito significado para o aluno. Esse fato ficou mais evidente, na entrevista que fizemos com os professores. Um deles, ao perguntarmos porque os alunos não sabem se localizar com mapas nos respondeu que *“...é porque eles não precisam disso.”*, ou seja, na fala desse professor estava contida a explicação de que para as pessoas deslocarem-se atualmente não há quase a necessidade de utilização de mapas. Até porque dada a realidade do aluno da escola pública, poucos são os que se deslocam horizontalmente, poucos são aqueles cujas necessidades diárias sugerem o uso de mapas.

Ao tentarmos avaliar o uso do mapa como um meio de localização na escola, junto aos alunos de 5ª e 8ª séries, pudemos verificar que apesar desse ser um dos únicos usos que se faz desse material, ocorre a sub-utilização do mesmo na medida em que esse material, ao nosso ver, apesar de suas limitações, apesar de ser uma imagem altamente abstrata e longínqua do real, auxilia no entendimento de múltiplas relações e territorializações realizadas pelo homem. Na verdade, o mapa enquanto meio de

²Grifo nosso.

localização, não está repleto de significados para o aluno porque esse uso é perfeitamente substituível por outras formas de localização, principalmente no que se refere a espaços locais. Propomos então, a partir disso, sem desmerecer o papel do mapa enquanto meio também de localização, que haja um redimensionamento no uso do mapa, principalmente nas aulas de geografia. Isso porque esse é um material eficiente para elaborarmos leituras geográficas a partir de informações nele contidas. É claro que somente o mapa em si, enquanto forma de linguagem ou de representação de uma dada realidade é insuficiente, é preciso que o docente de geografia se aproprie de inúmeras formas de representação da realidade, para melhor se aproximar dela, criando assim inúmeros significados em torno da mesma.

É preciso destacar, no entanto, que não estamos fazendo uma apologia do mapa, enquanto meio de comunicação da realidade geográfica, mas apenas propondo um repensar acerca do mesmo, pois parece ter ocorrido um “divórcio” da geografia com os mapas, principalmente com o aparecimento da famosa “geografia crítica”, onde, de forma equivocada, muitos professores entenderam que era necessário, para se fazer uma geografia realmente crítica, o rompimento com conteúdos e materiais didáticos, inclusive aí também o mapa. Observamos que quase houve um rompimento da geografia com o uso dos mapas, e é por isso que o presente trabalho propõe um repensar a possibilidade de uma reconciliação.

Entendemos que torna-se relevante o uso do mapa, principalmente no ensino de geografia, pois esta se preocupa (enquanto ciência e disciplina escolar) com o entendimento das múltiplas territorializações produzidas pela humanidade nas suas relações recíprocas e nas relações com a natureza. Essas territorializações, por sua vez são passíveis de serem mapeadas e organizadas de forma que possam salientar informações e podem por sua vez propiciar raciocínios e entendimentos. É claro, que a leitura e entendimento da realidade propiciada pelo mapa vai depender, em grande parte, da visão social de mundo que está sendo adotada.

É preciso ressaltar por fim que não é o uso do mapa que torna boa ou ruim uma aula de geografia, mas é precisamente a visão social de mundo que se adota, juntamente com o entendimento e da clareza de que tipo de alunos queremos, qual o papel da escola nesse sentido e qual visão social de mundo estamos, enquanto docentes, auxiliando referendar. O mapa pode, apenas e tão somente, ressaltar e salientar determinadas relações que queremos tornar evidentes para o entendimento da lógica da territorialização de determinados espaços. Portanto, o uso desse material poderá ou não tornar mais eficiente o ensino de geografia, dependendo em grande parte da prática pedagógica docente.